

Paulo Bertran

JORNAL DE BRASÍLIA

Equívocos

antigos do DF

Brasília

26 MAI 1987

Os estudos de Belcher e Associados, sobre o atual sítio de Brasília, passados 30 anos, ressentem-se dos avanços técnicos havidos nesse período. Há, naturalmente, um sistema ideológico nas interpretações e escolhas de sítio feitas pelo escritório americano. São marcadas, parece, mais por uma concepção estrutural de território do que por uma análise funcional, embora talvez seja muito cedo historicamente para se empreender esse tipo de avaliação. Dentro de mais alguns anos, porém, o relatório Belcher pode passar aos olhos de novas gerações por tão exótico e ingênuo quanto nos parece hoje o relatório Cruls.

Nos cinco sítios examinados por Belcher em 1954, a preocupação dominante é a pré-seleção urbanística de sítio e os condicionamentos estruturais de solo, topografia, clima e hidrologia. Estabelecidos esses dados, preocupa-o o sistema geral de drenagem dos sítios e a circulação atmosférica. Conquanto estivesse presentes diversos componentes para uma concepção ambiental dos sítios a ciência de meio-ambiente aplicada ao planejamento urbano mal engatinhava ao tempo do relatório Belcher e mais tarde, do próprio concurso urbanístico, para a construção de Brasília.

Para nos atermos apenas ao sítio Castanho, onde depois se instalariam o Plano Piloto e as cidades-satélites no Núcleo Bandeirante, Guará e Cruzeiro — excluindo-se os demais, — Belcher chama a atenção para o "Dumo" triangular definido pelos córregos Fundo e Bananal antes de sua junção no Rio Paranoá, onde "as encostas ao longo dos vales são suaves e adequadas para edificações" ... ao passo que "os vales em si poderiam ser desenvolvidos para edifícios públicos e a sede do governo".

Ressalta Belcher sobretudo a excelência do sistema de drenagem do sítio, com reservatórios hidrográficos a montante da cidade e descarga a usante, no Rio Paranoá, que a seu ver, por apresentar uma longa série de quedas e corredeiras, possibilitaria uma "purificação natural das águas servidas descarregadas da cidade". Para Belcher os recursos recreacionais do sítio Castanho são "tão variados quanto excelentes, variando desde as encostas densamente florestadas do Rio Paranoá (aquelas a que Glaziou se referia no relatório Cruls como a jamais sofrer o corte de machado a não ser com "muita circunspeção"), "até os pontos vizinhos, onde é possível construir lagos artificiais".

A Brasília ficcional de Belcher (se é que o esboço apenas sugerido pode configurar-se em uma visão urbanística), seria uma cidade talvez horizontalizada, com o centro governamental onde é hoje o Lago Paranoá, e servida por um sistema natural de captação e de drenagem hídrica.

Depois verificou-se que não eram tão racionais e naturais assim as facilidades do sítio idealizado e Belcher prudentemente, um tanto sibilamente diz que "o corpo de planejamento da firma reconheceu, através do trabalho, que o crescimento da cidade se processará em estágios. Em vistas disso, não seria prático nem exequível planejar prematuramente facilidades para a capital que viessem a satisfazer suas demandas finais" ... E quanto ao uso do próprio material e análises do relatório esclarece que "o seu pleno uso começará de novo porque a execução de vastos planos necessários a um tal empreendimento deve fazer uso contínuo de todos os mapas e análises que foram apresentados".

Queria com tudo isso eximir-se Belcher de equívocos do relatório? Pretenderia ser recontratado permanentemente? Emitia um alerta verdadeiramente científico? Ou previa intervenções estravagantes em seu "Domo" triangular?

O fato é que ninguém mais depois parece ter lido o volumoso e maçante relatório. Que o digam as erosões de Ceilândia e do Gama e o virtual desconhecimento técnico de estruturas territoriais que presidiu e preside ainda a instalação das cidades-satélites.